



# O COLÉGIO MILITAR EM SUA FUNDAÇÃO

Cláudio Moreira Bento

---

*Neste artigo, o autor focaliza dados biográficos do fundador, do primeiro comandante e do primeiro professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, caracterizando sua fundação, ocorrida cem anos atrás.*

*Com ele A Defesa Nacional associa-se às homenagens que estão sendo prestadas à "Casa de Thomaz Coelho", no ano do seu centenário.*

*O espaço que lhe tem dedicado a imprensa e a unanimidade de suas apreciações, ressaltando o alto padrão do seu ensino, suas tradições de eficiência e probidade, a contribuição que, durante um século, ele vem emprestando à formação do caráter de gerações, revelam uma constatação muito feliz. Eis que os valores cultivados no Imperial Colégio Militar não são aqueles que se tenta hoje impingir à sociedade brasileira.*

---

O Colégio Militar está comemorando, no dia 6 de maio, seu centenário de fundação e de relevantes serviços prestados à educação brasileira.

Ele foi criado em 9 de março de 1889 pelo decreto imperial nº 10.202.

Segundo seu criador, conselheiro Thomaz Coelho, em seu relatório de 1889, como ministro da Guerra, o Colégio Militar foi criado "no intuito de proporcionar, aos filhos dos militares ou àqueles que desejam seguir a carreira das armas, os meios de receberem instruções

que, em poucos anos, lhes abram as portas das Escolas Militares do Império.<sup>1</sup> Nesse intuito foi estabelecido em prédio apropriado, situado, em uma das mais salubres localidades desta capital.<sup>2</sup> Serão admitidos gratuitamente os filhos dos oficiais efetivos, reformados e honorários do Exército e da Armada e, mediante contribuição pecuniária, menores procedentes de outras classes sociais. O Imperial Colégio Militar é um internato, admitindo também alunos externos, sujeitos aos preceitos regulamentares. Os alunos constituirão um corpo,<sup>3</sup> ao qual será aplicado o regime disciplinar, econômico e administrativo dos corpos do Exército, salvo o que não for praticável, em razão da idade dos mesmos alunos. O curso do Colégio é dividido em 5 anos. Os alunos que concluírem o curso terão preferência sobre quaisquer outros candidatos à matrícula no curso de Infantaria e Cavalaria das Escolas Militares, sem necessidade de novos exames. Os recursos para aquisição do majestoso edifício inicial do Colégio Militar foram fornecidos pelo Conselho do Patrimônio do Asilo dos Inválidos da Pátria, que continuou a concorrer para a manutenção do Colégio, com as obras do ren-

dimento do patrimônio do citado Asilo".

Mais antigo oito meses e seis dias do que a centenária República Brasileira, o centenário do Colégio Militar, a Casa de Thomaz Coelho, prestou assinalados serviços à educação da juventude militar do Exército e da Marinha. Constatá-lo é obra de simples raciocínio e verificação.

Hoje, quando completa um século, passou a admitir meninas como alunas, por certo um ponto de inflexão em sua brilhante e benemérita trajetória e, talvez, uma abertura para que, no futuro, de igual modo que em West Point, brasileiras venham a freqüentar a Academia Militar de Agulhas Negras.

O fundador do Colégio Militar foi o ministro da Guerra, Senador Thomaz José Coelho de Almeida. Natural de Campos (RJ), nasceu em 28 de novembro de 1839, quando ia acesa e forte, no Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha.

Filho de Custódio José Coelho de Almeida e de D. Maria T. do R. Almeida, formou-se advogado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Após advogar, por certo período, em Campos, iniciou-se na política e

1. Da corte, do Rio Grande do Sul e do Ceará.

2. Então, bairro do Andaraí.

3. Unidade.

exerceu cargos eletivos. Militou no Partido Conservador. Revelou-se grande administrador. Galgou posição de relevo no Império. Foi deputado provincial e geral em duas legislaturas (1872-78 e 1885-87) e senador em 1887, pelo Rio de Janeiro. Foi ministro da Agricultura (1875-78) do último gabinete do Duque de Caxias, ministro da Guerra (março de 1888 – junho de 1889) do gabinete João Alfredo e diretor do Banco do Brasil, quando faleceu, em 20 de setembro de 1895, com 57 anos na cidade do Rio de Janeiro.

Thomaz Coelho era muito gordo, a ponto de o seu carro ter de usar molas reforçadas. Foi o criador da Escola Superior de Guerra e da Escola Militar do Ceará, em 1889.

Seu relatório, como ministro do Exército, em 1889, dá a exata medida do estágio atingido pelo Exército na Proclamação da República.

Foi durante sua gestão no Ministério da Guerra que se deu o célebre incidente na Escola Militar da Praia Vermelha, dentro do contexto da Questão Militar, quando o aluno Euclides da Cunha, mais tarde consagrado autor de "Os Sertões", quebrou seu espadim e atirou-o aos pés de Thomaz Coelho, quando este passava à sua frente.

Thomaz Coelho, como ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do gabinete de Caxias, reorganizou o Museu Nacional e o Corpo de Bombeiros, criou a Inspetoria de Imigração e Colonização, contratou o serviço de abastecimento d'água do Rio de Janeiro e dinamizou o setor ferroviário no Brasil, entre outras obras.

Segundo o professor Daltro Santos, Thomaz Coelho era um "espírito indefeso e voltado sempre aos interesses máximos do país, que mesclava a vivacidade de sua ação construtora às características de uma alma sensível e bondosa, inclinada sempre à benignidade e à Justiça".<sup>4</sup> Era hábil político.

O primeiro comandante do Colégio Militar do Rio de Janeiro foi o Major de Engenheiros Antonio Vicente Guimarães, nascido no Maranhão, em 5 de abril de 1849, filho de Manuel Ribeiro Martins. Praça de 1868, engenheiro militar e bacharel em matemática, ministrou a cadeira de desenho da Escola Militar da Corte, de que foi subcomandante. Participou, em 1889, da Comissão de Reorganização do Exército, sob a presidência do ministro da Guerra, Benjamin Constant, da qual resultou o Regulamento de Ensino, de 1890. Atingiu o posto de

4 "Diário de Notícias" de 5 de maio de 1939.

general-de-divisão. Faleceu em 20 de abril de 1920, aos 71 anos de idade.<sup>5</sup>

O primeiro professor, e orador oficial da inauguração do Colégio Militar, foi o Barão Homem de Mello. Foi ele o consagrado político, administrador e historiador que, como Presidente do Rio Grande do Sul, ajudara o Marechal Osório a mobilizar um Corpo-de-Exército para a Guerra do Paraguai e que viria a ser o primeiro biógrafo do General Andrade Neves. Foi ministro da Guerra interino em 1881 e veio a falecer 30 anos mais tarde em Resende, na sede do atual município de Itatiaia, depois de haver presidido as comemorações do 80º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Acreditamos que todos os milhares de ex-alunos do Colé-

gio Militar sentem por ele o que expressou o General Jonas Correia, há meio século, na edição do *Diário de Notícias* do dia 5 de maio de 1939, alusivo ao seu 50º aniversário:

"O Colégio... Dá-me a impressão de uma casa paterna, amada e sempre nossa, conservada por gerações sucessivas, com o mesmo espírito, a mesma dignidade, o mesmo préstimo, nem passa nem envelhece, antes se transfigura em prestígio e se remoça nos que vêm depois, para o banho lustral da educação.

"Ó Colégio querido, que me revives neste instante a quadra mais feliz da minha existência. Eu que era ninguém e me tornei um homem pela tua proteção. Honra te seja feita, meu Colégio!"

5. O Coronel Vicente foi, mais tarde, comandante da Escola Militar do Ceará (1894) e da Escola Preparatória e Tática do Realengo (1898). Era enérgico e disciplinador. Criou uma "5ª Companhia", constituída por alunos presos das demais companhias efetivas. Essa companhia era, em realidade, a prisão da Escola, segundo o Tenente-Coronel Antonio Gonçalves Meira, em "O Centenário da Escola Militar do Ceará", conferência no acervo bibliográfico do Arquivo Histórico do Exército. Em 1902, como Intendente Geral do Exército, o General Vicente assistiu à inauguração do Hospital Central do Exército (HCE).